A face angolana velada pelas letras insubmissas de João Melo

Rejane Seitenfuss Gehlen¹

Abstract: This article analyzes the representation of the Angolan identity revealed by the character of the short story “The Lift” by John Melo. In this order are considered interfaces between Angolan literature and historical context through the ideological stance taken by the narrator. His ideology reveals a subject indelibly marked by the colonization process. The main character of the story is significant, in the studied, to reveal the attitude of resistance to the consequences of the presence of the Portuguese colonizers in Angolan territory.

Keywords: Angola, cultural identity, João Melo, Post-colonialism

Resumo: O presente artigo pretende analisar a representação da identidade angolana revelada pela personagem do conto “O elevador”, de João Melo. Nesse intuito são consideradas as interfaces entre literatura e contexto histórico angolano através da postura ideológica assumida pelo narrador que revela um sujeito marcado indelevelmente pelo processo de colonização. A personagem protagonista da narrativa é significativa, no contexto estudado, por revelar a postura de resistência aos desdobramentos da presença do colonizador português em terras angolanas.

Palavras-chave: Angola. Identidade cultural. João Melo. Pós-colonialismo.

Só aparecemos na imagem que criamos [...]
nunca imprimiremos uma face no mundo
que não seja a nossa própria.
Carl Jung

Tomo como ponto referencial para a presente discussão a representação dos sujeitos que se encontram situados numa experiência pós-colonial, dentro do contexto geográfico e histórico angolano recriado na obra de João Melo. Pensar as manifestações culturais africanas contemporâneas é tarefa que envolve os estudos pós-coloniais em sua face de contestação da dominação colonial, de oposição aos legados ou marcas indelévels da colonização, revelando uma atitude anti-colonialista e algumas implicações mais recentes, tais como o neocolonialismo. Não bastasse a complexidade e controvérsias que envolvem

¹ UFRGS.

o pós-colonial, termo por si só amplo e polissêmico, soma-se à questão a particularidade dos países africanos de língua portuguesa, cuja independência é muito recente e encontra-se imersa em contradições e distopias.

A partir dos anos 70, o termo pós-colonial passa a ser empregado por críticos literários para discutir os diversos efeitos da colonização, estendendo-se aos desdobramentos do processo de neocolonização. As primeiras formulações teóricas sobre o poder da representação colonial ampliam-se e o conceito passa a abranger experiências políticas, culturais e subjetivas, que se deslocam no tempo (pré e pós-independência) e se situam em diferentes lugares. Assim que pluralidade e heterogeneidade são ideias que acompanham o estudo sobre o pós-colonial.

Boaventura de Sousa Santos considera que o pós-colonialismo consiste num conjunto de correntes teóricas “que têm em comum darem primazia teórica e política às relações desiguais entre o Norte e o Sul na explicação ou na compreensão do mundo contemporâneo” (2004, p. 8). Essas relações desiguais, herança do colonialismo enquanto projeto político central do Ocidente, configuram-se como rastro de tensões no plano do poder e cultural estendendo-se para muito além do colonialismo como instituição política.

Esse pressuposto toma corpo se consideramos a formulação de Stuart Hall: “Os momentos de independência e pós-colonial, nos quais [as] histórias imperiais continuam a ser vivamente retrabalhadas, são necessariamente, portanto, momentos de luta cultural, de revisão e de reapropriação” (Hall, 2003, p. 34). Ao tomar o pós-colonial sob a perspectiva da contestação e releitura crítica do legado cultural do colonialismo, a identificação do sujeito resultante desse processo significa menos uma subjetividade “depois” da experiência colonial, mas uma subjetividade em oposição aos discursos e práticas imperializantes e colonizadoras, em diferentes lugares e momentos. Daí que o pós-colonial é, forçosamente, relacional, sem, contudo, obscurecer as profundas desigualdades nele implicadas tampouco desconsiderar a multiplicidade de posições – geográfica, cultural, histórica, subjetiva. Da abrangência do termo deriva a dificuldade de marcar a fronteira ou o limite do que vem a ser pós-colonial no contexto da literatura dos países africanos de língua portuguesa e, mais especificamente, na história das letras angolanas. Já que o próprio termo nos remete a um espaço/tempo de difícil demarcação.

Concomitante à movimentação pró-independência surgida na segunda metade do século XX, em países como Angola, por exemplo, uma grande utopia libertária passou a ser o mote para o construto identitário. O que percebemos, entretanto, foi que, após a descolonização, talvez fosse melhor dizer, desocupação física do território, uma crise identitária ecoou em terras do sul da África. Depois de décadas sob o jugo colonial, o próprio sujeito precisa reconhecer e legitimar a si próprio. Aliado por muito tempo da liberdade e dignidade essenciais à constituição identitária autônoma, o sujeito localizado na transição do regime colonial para o *status* de independente se vê em ferrenha luta com seus iguais, e sob a influência de novos impérios econômicos e suas também novas formas de colonização, agora não mais pelo território, mas pela cultura e economia, sobretudo. Transparece assim, a dificuldade de se forjar uma identidade cultural em um período limítrofe como esse, a fronteira entre o colonial que não foi ainda superado, o pós-colonial que traz consigo toda a carga da utopia, do que não foi, mas que poderia ter sido e o neocolonial que, ao se imbricar com o remanescente do colonial, forma uma trama cujo emaranhado se coloca como desafio aos pesquisadores. E, para além disso, é uma resposta buscada pelos eus que vivem a contemporaneidade e nela ou apesar dela buscam estabelecer a descolonização, processo em andamento.

Em seu estudo acerca da questão, Tomas Bonnici (2009) considera que a gama de experiências culturais e ambiguidades remete a uma postura contra o eurocentrismo e à própria globalização econômica, forma contemporânea de afirmação da hegemonia dos países ricos. A independência não se efetiva em países cuja economia está sujeita às interferências e imposições de outras nações, apenas disfarça o neocolonialismo que se expande sob a égide de modernização e transnacionalismo.

A crítica pós-colonial propõe a investigação mais abrangente das relações de poder, inclusive na organização dos rastros coloniais. A literatura, nesse contexto, assume características de descolonização, entre elas, a subversão da língua europeia. O recurso da paródia como forma de denúncia do estrago colonial, assim como a releitura enquanto estratégia de ruptura com o cânone da metrópole e análise da própria história pregressa.

O hibridismo é também uma característica dessa forma de literatura, na qual o sujeito pós-colonial apresenta seu ponto de vista em confronto com o outro na expectativa de reverter a estrutura de dominação. Verifica-se que a interdependência entre colonizador e colonizado impossibilita a pureza de cultura, já que essa se constrói num espaço contraditório.

Consequentemente, o hibridismo é o lugar onde se realiza a diferença cultural. A natureza híbrida da cultura pós-colonial localiza a resistência nas práticas contra-discursivas implícitas na ambivalência colonial e subverte, assim, o próprio suporte sobre o qual se assentava o discurso imperialista e colonial (BONICCI, 2009, p. 31).

Ao estudar esse contexto, Inocência Mata enfatiza que a pós-colonialidade deve ser analisada considerando o aspecto colonizatório. Assim, nos cinco países africanos de língua portuguesa, nos quais a liberdade de expressão foi cerceada em nome de ditos interesses nacionais, a literatura informa sobre os fatos omitidos pelo discurso oficial, apresentando-se como oposição ao discurso unilateral. Tal fator decorre do engajamento assumido pelos escritores ao transferirem objetos e valores da esfera discursiva para o plano estético e, desse, para posições éticas e ao próprio conhecimento histórico-cultural. O texto literário assume estatuto de documento simbólico para a construção da imagem da sociedade de onde emerge. O pós-colonialismo, como contestação e resistência a uma situação opressiva, não tem significação exclusiva de ulteriores, de modo que: “a pós-colonialidade africana contém muito de neocolonial, e do seu contrário, anti-neocolonial, e isso tem de ser considerado nos estudos pós-coloniais” (MATA, 2006, p. 238).

Nesse cenário multifacetado e conturbado, permeado por contradições, emerge uma literatura de cunho engajado, comprometida com a afirmação de uma identidade que represente os diferentes grupos étnico-culturais angolanos. Em *Filhos da pátria*, João Melo apresenta histórias de existências vividas sob a angústia e tensão em meio à miséria, contexto que se deve à herança colonial, acentuada pela elite que governou o país nos primeiros tempos de independência, aspecto também potencializado pelo complexo momento histórico contemporâneo.

O conto “O elevador” possibilita a identificação de marcas coloniais e neocoloniais na sociedade angolana contemporânea. A história apresenta o dilema existencial da personagem Pedro Sanga, o plano diegético tem a duração cronológica limitada ao tempo em que o elevador faz o percurso para chegar ao destino da personagem: o oitavo andar. A estrutura textual organizada em nove fragmentos simula a trajetória pelos andares e leva ao desfecho que se desenrola no terraço.

O narrador em terceira pessoa assume declarada posição político-ideológica, aspecto evidenciado logo ao início da narrativa quando apresenta o *leitmotiv* que conduz a existência

de Pedro Sanga: “Até onde é capaz de ir a capacidade de humilhação do ser humano? É tão grande como a sua capacidade de adaptação? E, adaptação – o que é exactamente? Sim, o que é ser ou estar adaptado?” (MELO, 2008, p. 9).

O questionamento acerca da adaptação leva à reflexão sobre o momento histórico do texto, revelador de uma situação ainda não explicitada, a que o narrador apresenta resistência, expressa pelo forte tom de ironia:

status quo (expressão que infelizmente tem caído em desuso, talvez porque, nos tempos que correm o status quo, é só um, ou seja, perdeu o quo, transformando-se em estado unânime e universal, também chamado global, de tal maneira que hoje praticamente mais ninguém luta contra o status quo, a não ser que tenha suficiente força anímica para suportar os rótulos pouco abonatórios com que passará imediatamente a ser designado), é não fazer ondas? É ser dócil, mesmo quando se é espezinhado? (MELO, 2008, p. 9).

Na sequência narrativa, o leitor é informado de que, no elevador, de acordo com o narrador, há “um exemplar autóctone da estética neobarroca que, segundo alguns, caracteriza a pós-modernidade” (MELO, 2008, p. 11). Trata-se de uma mulher cujo destino é o mesmo de Pedro Sanga: encontrar-se com o dono do escritório que fica na cobertura do prédio. Ao associar a figura bizarra à Angola do futuro, o narrador cria um efeito cômico: “Uma cabeleira loira visivelmente artificial, a blusa vermelha semitransparente deixando apreciar quase totalmente os seios (se é que aqueles seios tipo ovo estrelado são dignos de qualquer apreciação!...) *colants* de leopardo justinhos às coxas e uns sapatos altíssimos, azuis e dourados, que mal a mantêm equilibrada...” (MELO, 2008, p. 10).

A personagem Pedro Sanga vive uma perturbação psicológica, observada no conflito de consciência revelado pelo jogo de sinônimos para a condição de adaptado. Pedro Sanga afirma que adaptação é luta, capacidade de enfrentar o mundo, denúncia contra as imperfeições do mesmo. A recordação da guerra pela libertação nacional, traz ao contexto narrado a personagem Soares Manoel João, um radical defensor da independência de Angola, que busca inspiração em Agostinho Neto. Ao longo dos andares que se sucedem, a memória de Pedro Sanga evoca os diferentes momentos da vida de Soares Manoel João, cuja identificação começa pelo sobrenome português.

Inicialmente, Soares é caracterizado como Funje² com Pão, um idealista que projeta um país onde “seria criado ‘*um homem novo*’, que tem a missão de identificar o socialismo científico, o regime mais avançado da humanidade, onde todos os homens são iguais, nem burgueses, nem proletários, nem brancos, nem mulatos ‘*e muitos menos bailundos*’”(MELO, 2008, p. 15).³ Após a vitória dos revolucionários, a personagem torna-se o Camarada Excelência que, “misturando, de forma desconexa, mas convicta, uma retórica marxista absolutamente vulgar, mal colada a cuspe, com violentos sentimentos raciais e tribais”(MELO, 2008, p. 15), revela toda contradição das primeiras ações governamentais do país recém independente.

2 Trata-se de um prato típico angolano, “uma mistura de vários peixes nadando num abundante e espesso molho amarelo, com uma pasta meio gelatinosa e escura”(MELO, 2008, p. 16). A personagem comete uma “heresia que os angolanos apenas perdoam porque, apesar da sua fama de makeiros, não deixam de ser cordatos e gentis”(MELO, 2008, p. 14). Note-se que a postura de Soares transgredir costumes tradicionais ao acrescentar o pão à comida típica.

3 A expressão é uma referência étnica; o nome remete a uma região do Norte de Angola, local de forte resistência às tropas portuguesas durante o período de ocupação. Derrotados os bailundos, o local foi chamado de Teixeira da Silva, retornando a seu antigo nome após a independência angolana.

Valendo-se das condições incipientes da nação há pouco criada e de sua capacidade de “organização”, o ex-lutador pela independência torna-se um dos primeiros capitalistas autóctones. Note-se através da personagem Soares/Funje com Pão/Camarada Excelência a exemplificação da situação já referida por Fanon (1979) ao analisar a relação colonizador/colonizado. Em *Condenados da terra*, o autor analisa a violência física, cultural e psíquica empreendida pelo colonizador para desumanizar o sujeito colonial. O restabelecimento da dignidade do colonizado ocorre pela violência, mais especificamente, a elite nacional que, ao tomar o poder, se apropria das riquezas e se torna cúmplice dos valores coloniais, consolida princípios eurocêntricos, mesmo que isso signifique espoliar a própria nação.

A personagem Pedro Sanga afirma de si para si: “Um homem é um homem, um bicho é um bicho!” (p. 10). Sua batalha é contra a corrupção do governo de Angola. Dois dias antes dos episódios narrados, o protagonista recebe uma proposta para facilitar negociações da empresa de Soares com o Ministério em que Sanga detém o cargo de Secretário. Pressionado pela mulher que o chama de burro, que não sabe adaptar-se e nem se organizar (entenda-se é honesto), Pedro hesita em seguir sua viagem pelo prédio. Note-se que a personagem está no elevador, “um dos artefactos que, para recorrer a uma expressão popular, ‘o colono levou’ após a independência do país – informe-se que, nos últimos tempos, começaram a ser edificadas alguns prédios completamente novos na cidade, os quais, naturalmente, estão apetrechados com esses equipamentos e não só” (MELO, 2008, p. 13). O elevador, metáfora da presença do colonizador, conduz Pedro a seu destino: aceitar a proposta e adaptar-se aos olhos dos outros enquanto que para si próprio significa humilhar-se. A pedra não resiste e sucumbe ao impacto do *status quo* pós-colonial.

Humilhado e, finalmente adaptado, Pedro ainda participa da comemoração com o antigo amigo, agora um “gajo” que se dirige à mulher do elevador num arremedo de francês, coincidentemente, sua amante: “*Josefine, mon amour, viens ici!*”. O pesadelo de Pedro Sanga, conduzido do chão de Angola ao alto de um moderno prédio, mexe com suas entranhas: “Apenas teve tempo de correr e agarra-se a um dos parapeitos do terraço, começando a vomitar, sem parar, cada vez mais agoniado. Enquanto o seu vômito se espalhava, ajudado pela brisa, pelas ruas adjacentes” (MELO, 2008, p. 26).

A cena narrada deixa transparecer a posição do narrador evidenciada em vários momentos da história. A postura crítica mostra que é patriota quem concorda com a estrutura ou aceita as regras herdadas do colonizador, cuja ruptura torna-se um desafio, como se observa quando Pedro sente-se incapaz de deixar o “aparelho” e prossegue sua angustiante trajetória. A palavra aparelho refere-se ao elevador, mas pode também ser entendida como metonímia no contexto da estrutura política na qual, segundo o narrador: “todos os dias nos deparamos com uma quantidade considerável de radicais que, na prática, renega as suas próprias teses ou então – o que constitui o outro lado da moeda – passa a defender com o mesmo radicalismo teses diametralmente opostas” (MELO, 2008, p. 17).

Os questionamentos do narrador, destacados pela marca dos parênteses, colocam-se como diálogo com o leitor. A viagem transforma Pedro Sanga no outro, antes repellido, agora assimilado. Não havendo o outro opositor, fragmenta-se o eu e, consequentemente, fragmenta-se a identidade do indivíduo e da pátria imaginada real após a independência. Pedro Sanga torna-se a “pedra no meio do caminho” do franco avanço da corrupção.

A relação semântica do nome da personagem remete também a um elemento muito expressivo da cultura angolana, a Grande Mãe da Criação, deusa mítica em África, que se revela em três símbolos amplos de sua procedência: a árvore, a terra e a pedra (CARREIRA, 2006, p. 789). João Melo elege a última como elemento que fica subjacente ao

texto, Pedro (pedra) Sanga (cântaro de barro em kimbundu) é da terra, do chão da Pátria, não é das alturas, por outros edificadas. Não é um indivíduo que vê sua história ser escrita pelos valores que repele.

O conto inicial, a exemplo de outros da coletânea, põe em questão um aspecto mais amplo: “Mas o que será amanhã deste país, se os autoproclamados herdeiros de fortunas anteriormente inexistentes e todos os acumuladores primitivos de capital, os neofundamentalistas, os pseudo-intelectuais e os medíocres de toda a sorte continuarem a ocupar todos os espaços assim?” (MELO, 2008, p. 12). O leitor é deixado pelo narrador no alto do prédio, de onde passa a visualizar Luanda e mais além uma Angola que precisa ser recriada após ter perdido o rumo apontado pela revolução.

“O elevador”, de João Melo revela uma personagem marcada pela angústia, do alto vislumbra a cidade e a situação causa repugnância a ponto de provocar cólicas abdominais. Por esse particular e, sobretudo, pela temática explorada ao longo do texto de João Melo, vem-nos à memória o conto “Náusea”, de Agostinho Neto. Nessa narrativa a personagem é o velho João que, ao visitar a família em Luanda, onde a presença do mar traz-lhe à lembrança a morte dos amigos e parentes que morreram afogados ou partiram para se tornar escravos em outras terras. As lembranças e a condição da personagem causam-lhe náusea, sensação que resume sua revolta e, ao mesmo tempo, impossibilidade de reação.

É também a náusea que sintetiza o sentimento do colonizado representado por João Melo. O conto de Agostinho Neto, publicado em 1961 é mais que uma simples referência intertextual, podemos lê-lo como reconhecimento ao seu autor, um dos principais articuladores do processo de luta pela independência de Angola. Se o velho João diante do mar toma consciência de que a mudança é necessária, Pedro Sanga ao ser conduzido pelo elevador para admirar sua Luanda, não reconhece nela a transformação sonhada.

João Melo, através de suas estórias, apresenta a cartografia de uma pátria estranha, na qual os sujeitos como Pedro Sanga estão desterritorializados e buscam entender o país e a si próprios. Essa postura do escritor revela a desobediência ao instituído, numa clara postura de resistência, que poderia ser a releitura da utopia. No alto do prédio não está apenas o narrador, está também o autor que assim se pronunciou em entrevista por ocasião de publicação de *Filhos da pátria*:

Eu tenho uma tese e uma conduta como escritor. Eu defendo que o escritor deve ter a liberdade de escrever sobre tudo o que quiser e da maneira que entender.[...] Os escritores têm essa capacidade, essa vocação de serem a voz daqueles que não têm voz. De dizerem o indizível, de se porem no lugar do outro. Acho que isso é que torna a actividade de escrita e o papel do escritor tão fascinantes.[...] Eu tinha de escrever este livro. Até por toda a minha trajectória, toda a minha vivência, pela maneira como tento posicionar-me na vida como cidadão, como escritor. Eu acho que, se aquele livro não saísse, eu qualquer dia, digamos assim, explodiria. O livro no fundo é uma grande reflexão sobre quem somos nós, angolanos, sobre a forma como nos relacionamos uns com os outros e sobre a forma como nós queremos levar o nosso país. Mais do que um desabafo, é a defesa de uma tese: o conceito de angolidade só faz sentido se for entendido de uma maneira aberta, dinâmica, que implica uma constante transformação. Por outro lado, todos nós temos responsabilidades e devemos beneficiar da construção do nosso país. Acho que essa é a tese que perpassa por este livro. É claro que o escritor diz coisas que alguns podem considerar incômodas, mas um escritor que não incomoda ninguém... é melhor ir fazer uma outra coisa qualquer. (MELO, 2010).

Esse é o cenário, miremo-lo através das letras insubmissas de João Melo!

Referências

- CARREIRA, Shirley de Souza. Um breve olhar sobre a representação da mulher em A geração da utopia, de Pepetela. In: LARANJEIRA, José Pires; SIMÕES, Maria João; XAVIER, Lola Geraldes (Orgs.). **Estudos de literaturas africanas: cinco povos, cinco nações**. Coimbra: Novo Imbondeiro, 2006.
- BONNICI, Thomas (Org.). **Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais**. Maringá: Eduem, 2009.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Trad. José Laurêncio de Melo. Prefácio de Jean-Paul Sartre. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. Trad. Adelaide La Guardia Resende (et al), Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- MATA, Inocência; PADILHA, Laura C. **A mulher em África: vozes de uma margem sempre presente**. Lisboa: Colibri, 2007.
- MELO, João. **Filhos da pátria**. Lisboa: Caminho, 2001.
- MELO, João. **Filhos da pátria**. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- MELO, João. **Eu defendo que o escritor deve ter a liberdade de escrever sobre tudo o que quiser e da maneira que entender**. Disponível em <<http://www.ueangola.com/index.php/entrevistas/item/383>>. Acesso em 09 jul. 2010.
- NETO, A. Náusea. In SANTILLI, M.A. **Estórias africanas: história e antologia**. São Paulo: Ática, 1988.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Do pós-moderno ao pós-colonial. E para além de um e outro**. Conferência de Abertura do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, realizado em Coimbra, de 16 a 18 de setembro de 2004. Disponível em<<http://>> em 13 de maio de 2013.
- SARTRE, Jean- Paul. **O que é a literatura**. Trad. Carlos F. Moisés. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.